

Revista a EVOLUÇÃO



Memórias Literárias

- 5
- 9
- 11
- 15
- 17
- 21
- 23
- 25
- 27
- 29
- 33
- 37
- 41

CE
Lite
comun
corações
entrecruza
certeza, irão

PREFÁCIO

fascinante.
Suassuna

Transformar a vida em literatura... leitoras e leitores, co
experiência de viver, como nos diz Suassuna. A
Vamos mergulhar nessas histórias? É pr
da obra que agora se apresenta. Um convite
As histórias aqui registradas esta
num lugar muito especial e foc
antiguidade – a memória. estudos guard

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

CEU ÁGUA AZUL



Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano V - nº 52 - Maio de 2024

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Vilma Maria da Silva

Manuel Francisco Neto

Colunistas:

Adeilson Batista Lins

Isac Chateaneuf

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Alecina do Nascimento Santos

Andressa Talita de Lara

Antônio Evaristo

Daniela da Silva Souza Santos

Dinah Luisa da Silva

Ester de Paula Oliveira

Elisangela Santos Reimberg Eduardo

Fernanda Jaquelina Irineu Holanda

Janaina Pereira de Souza

Jéssica Midori Ninomiya Ribeiro

Letícia Zuza de Lima Cabral

Luciana Pereira dos Santos Martins

Lucimara dos Santos de Barros

Marcela Rodrigues Pimentel

Maria Aparecida da Silva

Maria de Lourdes Ferreira da Silva

Maria Gilma do Nascimento Azevedo

Marilena Wackler

Monik de Cássia Sena de Almeida Morelo

Monika Shinkarenko

Patrícia Mendes Cavalcante de Souza

Sabino Lázaro Argentino

Sidneia Viana

Sileusa Soares da Silva

Simone de Cássia Casemiro Bremecker

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 5, n. 52 (mai. 2024). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2024. 206 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.52

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS: <https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.52>



São Paulo | 2024

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Andreia Fernandes de Souza

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Isac Chateaneuf

José Wilton dos Santos

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins

Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt

Profa. Esp. Ana Paula de Lima

Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza

Profa. Dra. Denise Mak

Prof. Dr. Isac Chateaneuf

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins

Prof. Dr. Isac Chateaneuf

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado

Vilma Maria da Silva

Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703

Whatsapp: 55(11) 99543-5703

primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)

netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)

https://primeiraevolucao.com.br

Imagens, fotos, vetores etc:

https://publicdomainvectors.org/

https://pixabay.com

https://www.pngwing.com

https://br.freepik.com

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

05 EDITORIAL

Antônio R. P. Medrado

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac Chateaufneuf

08 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

11 DESTAQUE

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

14 POIESIS

J. Witon

ARTIGOS



1. A INSTRUÇÃO COGNITIVA E O CONHECIMENTO DURANTE O INÍCIO DA LINGUAGEM ESCRITA ALECINA DO NASCIMENTO SANTOS	15
2. OS ALUNOS DE EJA E AS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS ANDRESSA TALITA DE LARA	23
3. A INSERÇÃO DA LITERACIA FINANCEIRA COMO DISCIPLINA NOS PROGRAMAS CURRICULARES DAS ESCOLAS DO ENSINO PRIMÁRIO ANTÔNIO EVARISTO	31
4. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO CONTEXTO ESCOLAR DANIELA DA SILVA SOUZA SANTOS	39
5. A RELEVÂNCIA DA SEGURANÇA E CULTURA DE PAZ NA EDUCAÇÃO DESDE A INFÂNCIA DINAH LUISA DA SILVA	45
6. REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO DAS ARTES ELISANGELA SANTOS REIMBERG EDUARDO	53
7. OS ANOS INICIAIS E AS EXPERIÊNCIAS DE LINGUAGEM ESTER DE PAULA OLIVEIRA	59
8. A EDUCAÇÃO E O ENSINO DA CULTURA INDÍGENA FERNANDA JAQUELINA IRINEU HOLANDA	65
9. A EDUCAÇÃO FÍSICA E A MOTRICIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL JANAÍNA PEREIRA DE SOUZA	71
10. A IMPORTÂNCIA DA COORDENAÇÃO E DA SUPERVISÃO ESCOLAR JÉSSICA MIDORI NINOMIYA RIBEIRO	77
11. A AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL E O DESEMPENHO EM MATEMÁTICA NAS SÉRIES INICIAIS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO LETÍCIA ZUZA DE LIMA CABRAL	85
12. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL E DAS HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL LUCIANA PEREIRA DOS SANTOS MARTINS	93
13. NEUROCIÊNCIA, ORALIDADE E EDUCAÇÃO INFANTIL LUCIMARA DOS SANTOS DE BARROS	105
14. REGGIO EMILIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL MARCELA RODRIGUES PIMENTEL	111
15. A GESTÃO ESCOLAR E O PROCESSO DEMOCRÁTICO E PARTICIPATIVO MARIA APARECIDA DA SILVA	117
16. A LUDICIDADE E CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO CORPORAL NAS CRIANÇAS MARIA DE LOURDES FERREIRA DA SILVA	123
17. DIVERSIDADES NO CONTEXTO DA ESCOLA PÚBLICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL MARIA GILMA DO NASCIMENTO AZEVEDO	133
18. LETRAMENTO DIGITAL NA FORMAÇÃO DOCENTE MARILENA WACKLER	141
19. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA ABORDAGEM SOBRE A ÁGUA MONIK DE CÁSSIA SENA DE ALMEIDA MORELO	151
20. O TEA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA MONIKA SHINKARENKO	159
21. NEUROLINGUÍSTICA: UMA INTERSEÇÃO ENTRE NEUROCIÊNCIA E LINGUAGEM PATRÍCIA MENDES CAVALCANTE DE SOUZA	165
22. O IMPACTO DO ESTILO DE LIDERANÇA OPTADO PELO GESTOR ESCOLAR NA GESTÃO DA ESCOLA SABINO LÁZARO ARGENTINO	171
23. RELAÇÕES AFETIVAS NO AMBIENTE ESCOLAR RELACIONADAS AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA SIDNEIA VIANA	183
24. EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA PERSPECTIVA TEA SILEUSA SOARES DA SILVA	191
25. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO UNIVERSO SIMONE DE CÁSSIA CASEMIRO BREMECKER	199

OS ANOS INICIAIS E AS EXPERIÊNCIAS DE LINGUAGEM

ESTER DE PAULA OLIVEIRA¹

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo mostrar as experiências de linguagem nos anos iniciais. Desde os primeiros meses de existência, os bebês iniciam suas explorações com a comunicação. Os pequeninos emitem vocalizações que imitam as entonações e ritmos das conversas dos adultos; eles interpretam gestos e expressões faciais e começam a estabelecer conexões entre sequências de sons frequentemente ouvidos - expressões - e seus referentes. Eles apreciam escutar melodias comerciais e poesias conhecidas, engajam-se em brincadeiras como esconde-esconde e manipulam objetos como livros interativos e blocos com símbolos alfabéticos durante suas atividades lúdicas. A partir desses notáveis começos, as crianças aprendem a utilizar uma diversidade de representações simbólicas.

Palavras-chave: Comunicação; Expressões; Vocalizações.

INTRODUÇÃO

À medida que adquirem habilidades nos sistemas simbólicos, as crianças obtêm, por meio de interações com outros indivíduos, a percepção de que certos tipos de marcas específicas - impressões - também podem transmitir significados. Inicialmente, as crianças utilizarão as pistas físicas e visuais ao redor da impressão para decifrar seu conteúdo. No entanto, à medida que desenvolvem uma compreensão do princípio alfabético, as crianças passam a processar letras, a convertê-las em sons e a relacionar essas informações a um significado conhecido. Ainda que possa parecer que algumas crianças adquiram essas compreensões de maneira mágica ou autodidata, pesquisas indicam que elas se beneficiam de uma orientação e instrução consideráveis por parte de adultos, embora de forma divertida e informal.

Se considerarmos que ler e produzir textos significa produzir sentido e que isso só é possível no confronto com o outro, com o diferente, com as múltiplas vozes que nos constituem e que nos transformam em estranhos para nós mesmos; que ler e produzir textos significa também nos inserir numa dada formação discursiva, conhecendo a regra de seu jogo então, compreenderemos por que a escola não está formando leitores nem produtores de texto, mas apenas artífices da reprodução e da passividade, silenciando a uns e a outros, naturalizando as construções que servem apenas a interesses escusos (CORACINI, 2002, p. 264)

Uma ampla gama de experiências relacionadas à linguagem falada e escrita se desenrola durante esses anos. No ambiente doméstico e em contextos de cuidado infantil, as crianças se deparam com uma infinidade de recursos, tipos e níveis de apoio para a leitura e escrita em estágios iniciais. Algumas crianças podem ter acesso imediato a uma diversidade de

¹ Graduada em Pedagogia. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

materiais para leitura e escrita, enquanto outras não têm essa oportunidade; algumas crianças observam seus pais se envolvendo frequentemente em atividades de escrita e leitura, enquanto outras apenas ocasionalmente; algumas crianças recebem instrução direta, enquanto outras contam com apoio mais casual e informal.

Isso implica que não existe um método ou abordagem de ensino que seja eficaz para todas as crianças. Em vez disso, bons educadores implementam uma variedade de estratégias de ensino que abrangem a grande diversidade de estudantes nas escolas. A instrução de qualidade é baseada no que as crianças já sabem e são capazes de fazer, proporcionando conhecimento, habilidades e uma postura favorável à aprendizagem ao longo da vida. As crianças precisam aprender não apenas as habilidades técnicas de leitura e escrita, mas também como utilizar essas ferramentas para aprimorar seu pensamento e raciocínio.

A EXPLORAÇÃO DOS LIVROS E SUAS CONTRIBUIÇÕES

A prática isolada mais relevante para construir esses conhecimentos e habilidades fundamentais para o êxito da leitura parece ser a narração em voz alta para as crianças. A imersão em livros de distinta qualidade ocorre quando as crianças se sentem emocionalmente protegidas e se tornam participantes ativos na leitura. Lançar perguntas prospectivas e analíticas em contextos de grupos reduzidos aparenta ter impacto no vocabulário das crianças e na compreensão das histórias. As crianças podem comentar sobre as ilustrações, recontar a trama, discutir suas ações favoritas e solicitar múltiplas releituras. É a interação que acompanha a exploração do livro que lhe concede poder, auxiliando as crianças a conectar o que está na história com suas próprias vivências.

Um objetivo primordial durante esses anos pré-escolares é ampliar a exposição e os conceitos das crianças em relação à escrita impressa. Alguns educadores utilizam volumes de grandes proporções para auxiliar as crianças a

diferenciar diversos elementos impressos, incluindo o fato de que a escrita (em vez de imagens) carrega o significado da narrativa, que as sequências de letras entre os espaços constituem palavras e na escrita correspondem a uma versão falada, e que a leitura progride da esquerda para a direita e de cima para baixo. Ao longo da exploração das histórias, os educadores podem evidenciar essas características apontando para palavras individuais, direcionando a atenção das crianças para onde começar a leitura e auxiliando-as a reconhecer as letras e os sons.

As crianças também necessitam de oportunidades para praticar o que aprenderam sobre a escrita impressa com seus colegas e de forma independente. Pesquisas sugerem que a disposição física da sala de aula pode promover o tempo dedicado aos livros. As histórias não são a única maneira de proporcionar às crianças exposição à linguagem escrita. Elas aprendem muito sobre a leitura por meio de etiquetas, placas e outros tipos de escrita que encontram ao seu redor. Etiquetas impressas altamente visíveis em objetos, placas e quadros de avisos nas salas de aula demonstram os usos práticos da linguagem escrita. Em ambientes ricos em escrita, as crianças incorporam a alfabetização em suas brincadeiras dramáticas, utilizando essas ferramentas de comunicação para dar ênfase ao drama e ao realismo das situações imaginárias. Essas experiências lúdicas do cotidiano, por si só, não transformam a maioria das crianças em leitores. Em vez disso, elas expõem as crianças a uma variedade de experiências escritas e aos processos de leitura com propósitos reais.

As crianças adquirem um entendimento prático do sistema de letras não apenas por meio da leitura, mas também da escrita. À medida que as crianças se envolvem na prática de escrever, elas aprendem a segmentar as palavras que desejam soletrar em sons que as compõem.

Ambientes de aprendizagem que oferecem às crianças oportunidades regulares de se expressarem no papel, sem se sentirem

excessivamente preocupadas com a ortografia correta e a caligrafia perfeita, também auxiliam as crianças a compreenderem que a escrita tem um propósito real. Os educadores podem criar situações que demonstrem o processo de escrita e envolvam ativamente as crianças nele. Alguns educadores agem como amanuenses, auxiliando as crianças a escreverem suas ideias, encontrando um equilíbrio entre permitir que as crianças façam isso por conta própria e pedir ajuda quando necessário. No início, essas produções provavelmente enfatizam imagens, com poucos esforços para escrever letras ou palavras. Com incentivo, as crianças começam a rotular suas imagens, contar histórias e tentar escrever narrativas sobre as imagens que desenharam.

Portanto, o panorama que emerge da pesquisa nesses primeiros anos de leitura e escrita infantil é aquele que enfatiza a exposição abrangente à escrita e o desenvolvimento de conceitos sobre ela e suas formas e funções. Salas de aula repletas de livros impressos, atividades de linguagem e alfabetização, contação de histórias e práticas de escrita permitem que as crianças experimentem a alegria e o poder associados à leitura e escrita, ao mesmo tempo em que dominam os conceitos fundamentais sobre a escrita que a pesquisa demonstrou serem indicadores sólidos de desempenho.

O PERÍODO DE ALFABETIZAÇÃO

Ao embarcarem na etapa inicial da jornada da alfabetização, as crianças estão imersas em atividades que visam aprimorar sua expressão verbal, compreensão sobre o uso e propósito da escrita, bem como sua consciência fonêmica e sintática primordial.

Para desenvolver a consciência fonológica em todas as crianças, os professores devem conhecer um pouco acerca da estrutura da língua, especialmente a fonologia. A fonologia é o estudo das regras que comandam a produção de sons da fala. A fonética, por sua vez, é o estudo da forma como os sons da fala são articulados e a fônica é o sistema pelo qual os símbolos representam sons em um sistema de escrita alfabético. (ADAMS, et al, 2005, p.21)

Um elemento primordial para o início do ensino de leitura é instruir efetivamente sobre letras e sons. Relacionados ao conhecimento de letras e sons estão a consciência fonológica (a habilidade de ouvir e manipular sons na linguagem oral) e a consciência fonêmica (a habilidade de ouvir e manipular fonemas, as unidades sonoras mínimas na linguagem oral). Pode ser tentador ensinar essas habilidades de forma isolada, pois podem ser facilmente analisadas, mas são desafiadoras de aplicar e generalizar quando ensinadas separadamente.

O conhecimento do alfabeto abrange o conhecimento dos nomes das letras, seus sons e formas individuais. O princípio alfabético é a compreensão de que letras e grupos de letras representam os sons da fala. Os leitores aplicam o princípio alfabético por meio da fonética, utilizando seu conhecimento das relações entre sons e letras para ler palavras familiares e desconhecidas.

O objetivo do ensino do princípio alfabético é capacitar os alunos a aplicar seu conhecimento de letras e sons, em vez de se concentrar apenas na identificação, correspondência e memorização por meio de instrução direta e repetitiva. Não há evidências que sustentem que o ensino isolado do conhecimento do alfabeto tenha algum impacto significativo nos resultados relacionados à leitura.

A ação de ler e escrever vai além de decodificar o código linguístico, é necessário também ser capaz de interpretar diferentes tipos de textos. O ambiente em que uma pessoa está inserida desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da aprendizagem, uma vez que vivemos em um mundo letrado, onde diferentes códigos linguísticos são utilizados. De acordo com Kleiman (1995, p. 19): "Hoje, podemos definir letramento como um conjunto de práticas sociais que utilizam a escrita como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos e para objetivos específicos".

Quando ensinamos a leitura e a escrita com base naquilo que faz parte do cotidiano da criança, ela aprende de maneira contextualizada, não letra por letra. Ela aprende a partir de um contexto que já conhece, fazendo associações e compreendendo. Magda Soares menciona em um de seus artigos que "o domínio das habilidades de leitura e escrita vai além da simples capacidade de saber ler e escrever".

É importante destacar que o conceito de letramento e alfabetização pode variar de acordo com o contexto histórico, o desenvolvimento social e cultural em que o indivíduo está inserido, uma vez que o progresso do país exerce uma grande influência no processo educacional.

É válido ressaltar que os desafios enfrentados no processo de alfabetização no Brasil têm nos acompanhado por um longo período:

No Brasil, como em vários países da América Latina, as antigas elites – formadas por oligarcas com influências liberais – acostumaram-se a ver na educação "a alavanca do progresso". Assim, tomaram o tema do analfabetismo e despejaram rios de retórica. Diziam que o país jamais poderia encontrar seu caminho e a democracia jamais poderia ter uma realidade enquanto tivermos uma tão alta proporção de analfabetos. A "ignorância" e o "atraso" eram duas faces da mesma moeda. Palavras, muitas palavras – e - mas nenhuma ação (FREIRE, 1967, p. 79).

No momento atual, estamos em pleno desenvolvimento buscando resolver as questões que surgem e garantir o sucesso do processo de alfabetização, de modo que o indivíduo não apenas decodifique e codifique os símbolos, mas também esteja preparado para se integrar ao mundo, ou seja, esteja capacitado para viver em sociedade.

Ainda enfrentamos o desafio de garantir que todos tenham acesso e utilizem a leitura e a escrita, apesar de haver maior disponibilidade de recursos, como bibliotecas, livrarias, jornais, revistas e a internet, o que permite que as pessoas sejam letradas e conscientes, utilizando

essas ferramentas e participando ativamente da sociedade. Em seu texto, Kleiman afirma que:

O aluno que elabora um bilhete recomendando um livro e justificando sua recomendação faz uma 'leitura inspeccional quando seleciona, na biblioteca, um livro para leitura, ou quando procura, no caderno infantil do jornal, a página que traz resenhas de livros; ele faz também uma 'leitura tópica', de detalhes, quando volta ao livro lido para copiar uma informação específica que deseja incluir na sua recomendação ou resenha; faz, ainda, uma 'leitura de revisão' quando lê seu próprio texto antes de torná-lo público (1995, p. 24).

As perspectivas otimistas dos educadores impactam no processo de aprendizagem dos estudantes. Essas perspectivas se evidenciam nas várias ocasiões de interações sociais e pedagógicas. Mesmo que possa haver disparidades no progresso dos indivíduos, é crucial ter em mente que eles podem usufruir de variadas vivências no âmbito social e educativo.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

A prática da leitura desempenha um papel essencial no desenvolvimento intelectual e emocional da criança, e sua importância se estende ao ambiente escolar, alcançando as salas de aula.

O ensino da habilidade de decodificar e compreender textos é de suma importância na vida de todo indivíduo. O professor, plenamente consciente desse valor, deve adotar métodos de ensino em sala de aula que capacitem o aluno a se tornar um leitor habilidoso. É crucial que o educador empregue estratégias efetivas, promovendo uma leitura crítica, repleta de sentido e consciente de seu propósito social.

Além disso, é fundamental que o professor apresente aos estudantes uma variedade de textos, indo além das simples narrativas. Afinal, utilizamos diferentes tipos de textos como forma de comunicação, e é indispensável que o aluno não seja privado dessa abundância de conhecimento. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua

Portuguesa enfatizam a necessidade de explorar essa diversidade textual no processo educacional.

- ler autonomamente diferentes textos dos gêneros previstos para o ciclo, sabendo identificar aqueles que respondem às suas necessidades imediatas e selecionar estratégias adequadas para abordá-los;
- produzir textos escritos, coesos e coerentes, dentro dos gêneros previstos para o ciclo, ajustados a objetivos e leitores determinados; (PCN vol. 2, 1997. p.79 e 80)

Anteriormente, o conceito de "formato" era usado exclusivamente para se referir a obras literárias. No entanto, nos tempos atuais, essa classificação engloba uma variedade mais ampla. A linguagem desempenha um papel crucial na comunicação humana e permite a utilização de uma ampla gama de formatos (VIEIRA; APARÍCIO, 2020).

Os formatos textuais tornam-se uma ferramenta indispensável no estudo da compreensão da linguagem falada, uma vez que são constantemente utilizados para a comunicação. Por essa razão, é interessante que o professor promova em sala de aula atividades que proporcionem aos alunos o conhecimento desses formatos e sua função no processo comunicativo (VIEIRA; APARÍCIO, 2020).

Marcuschi (2005) defende que os formatos textuais são:

Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem aparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedade anteriores à comunicação escrita (MARCUSCHI, 2005, p. 19).

Ao realizar uma exploração em sala de aula, o professor incorpora à aprendizagem do

aluno sua interação com o universo da escrita e facilita o progresso no processo de alfabetização. No entanto, ao considerar a leitura como um processo puramente de decodificação na alfabetização, surgem alguns desafios.

Ao refletirmos sobre o ato de ler, o aluno precisa buscar compreender e refletir sobre o significado que a leitura tem para si. De acordo com Martins (1986, p.12), "[...] ninguém é ensinado a ler: a aprendizagem é, em última instância, solitária, embora ocorra e se desenvolva em convívio com os outros e com o mundo".

A leitura vai além de uma obrigação, pois transcende a mera habilidade de decifrar palavras. Ler apenas por ler não possui significado algum. O prazer e a busca por ler um livro ou texto vão além do ensino escolar, indicando que apreciar a leitura não necessariamente está relacionado ao aprendizado em sala de aula.

Conforme Martins (1986, p.12), "[...] aprendemos a ler apesar dos professores; para aprender a ler e compreender o processo da leitura, não estamos desamparados, temos condições de fazer algumas coisas por nós mesmos [...]".

O conceito de leitura abordado nas escolas, por vezes, não facilita a interação do aluno com a leitura feita em sala de aula. Ou seja, a leitura é feita apenas pelo ato de ler, sem buscar uma interação eficaz entre o aluno e o texto, tornando-se apenas uma prática rotineira na qual os alunos estão inseridos, sem possibilitar uma conexão da história com a imaginação do aluno.

Segundo Martins (1986, p.23), "muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educadores, aprender a ler se resume à memorização de sinais linguísticos [...]".

Isso resulta em situações em que, nas salas de aula, muitas vezes a leitura de textos não possui significado e não está relacionada ao contexto do aluno. Com uma abordagem

mecânica e desprovida de emoção, a aprendizagem se torna um momento ineficiente na busca pela compreensão do aluno em relação ao mundo da escrita.

A leitura realizada nas escolas não permite um verdadeiro desenvolvimento do aluno em sua vida social. Assim, o simples fato de ser alfabetizado já é considerado suficiente para a inserção da criança no mundo da escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instituição educacional deve criar condições favoráveis para que os estudantes desenvolvam as habilidades de leitura e escrita, uma vez que é sua responsabilidade prepará-los para as práticas sociais, proporcionando um ambiente de aprendizagem enriquecedor para todos os alunos.

As crianças dão os primeiros passos fundamentais no processo de aprendizagem da leitura e escrita muito cedo na vida. Mesmo antes de demonstrarem habilidades para ler e escrever, elas começam a adquirir noções básicas sobre alfabetização e suas funcionalidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, M. J. et al. **Consciência fonológica em crianças pequenas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais – PCN's**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1997.
- CORACINI, Maria José Rodrigues Faria et al. Leitura: decodificação, processo discursivo...?. In: CORACINI, Maria J.R. (Org.). **O jogo Discursivo na Aula de Leitura**. Língua Materna e Língua Estrangeira. São Paulo: Pontes, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro Exemplar nº 1405: editora Paz e Terra LTDA, 1957, p. 123.
- KLEIMAN, Ângela. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p.
- MARCHESONI, L. B. et al. Letramento e alfabetização de jovens e adultos: um trabalho com gêneros textuais do cotidiano. **Dialogia**, São Paulo, n. 37, p. 1-19, jan./abr. 2021.
- VIEIRA, F. S. S.; APARÍCIO, A. S. M. Sequência didática de Gênero Textual: Uma Ferramenta de Ensino da Escrita no Processo de Alfabetização. **HOLOS**, v.1, p. 1-15, 2020.



EVOLUÇÃO

Ano 51
n. 51
Abri
2024
ISSN 2675-2573



FÁTIMA

Profa. Doutoranda em

ENTREVISTA

Profa. Dra. KÁTIA

LANÇAMENTO

www.primeiraevolucao.com.br



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.52>

ORGANIZAÇÃO:

Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Alecina do Nascimento Santos
Andressa Talita de Lara
António Evaristo
Daniela da Silva Souza Santos
Dinah Luisa da Silva
Ester de Paula Oliveira
Elisangela Santos Reimberg Eduardo
Fernanda Jaquelina Irineu Holanda
Janaina Pereira de Souza
Jéssica Midori Ninomiya Ribeiro
Letícia Zuza de Lima Cabral
Luciana Pereira dos Santos Martins
Lucimara dos Santos de Barros
Marcela Rodrigues Pimentel
Maria Aparecida da Silva
Maria de Lourdes Ferreira da Silva
Maria Gilma do Nascimento Azevedo
Marilena Wackler
Monik de Cássia Sena de Almeida Morelo
Monika Shinkarenko
Patrícia Mendes Cavalcante de Souza
Sabino Lázaro Argentino
Sidneia Viana
Sileusa Soares da Silva
Simone de Cássia Casemiro Bremecker

ISSN 2675-2573



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

